



A BIOGRAFIA E A AUTOBIOGRAFIA COMO FONTES PARA O ESTUDO DA OBRA DE FRIEDRICH MAX MÜLLER

Matheus Vargas de Souza¹; Profa. Dra. Juliana Bastos Marques²

Apoio Financeiro: Bolsa CAPES nas modalidades Doutorado (2021-2025) e PDSE (2022-2023)

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar uma discussão bibliográfica pertinente à pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da Unirio pelo bolsista. Tal discussão se configura como debate extenso, ao qual não se pretendeu a totalização, mas o levantamento de caminhos de reflexão relevantes para o estudo da obra de um acadêmico do século XIX. Para tanto, se desenvolveu o debate entre percepções distintas sobre as questões atinentes à biografia e à autobiografia enquanto fontes históricas, o que possibilitou esclarecer caminhos interpretativos e pontos espinhosos que requerem um cuidado maior quando do trato com as fontes onde se busca recolher informação minimamente objetiva para a historicização do autor estudado no período específico em que nos propomos a estudar, período este que é pouco estudado pela bibliografia especializada.

Palavras-chave: Max Müller; Autobiografia; Biografia.

INTRODUÇÃO

De antemão é necessário esclarecer a proposta da pesquisa: estudar a produção de uma História Literária e de um discurso sobre a Índia Antiga e seu povo, que faz uso de um referencial próprio da historiografia da Antiguidade Clássica e de uma orientação filosófica frente à História Universal com traços iluministas, mas eminentemente própria do Romantismo e, em especial, do Idealismo alemão; além, é claro, de uma filiação religiosa bastante marcada e submetida a um contexto de modernização e colonialismo de dimensões globais. Um primeiro ponto que precisa ser esclarecido neste momento do trabalho é a questão do acesso às informações, em especial sobre a *Recepção dos Clássicos*, as filiações filosófico-ideológicas no caso de Max Müller e, principalmente, sobre a relação do intelectual com as tradições literárias antigas e modernas ao longo de sua formação e vida profissional. Nos ater apenas aos antigos que ele menciona diretamente na obra estudada diminui o alcance da percepção real daquela produção discursiva. Isto porque sem conhecer uma proporção mais realista da erudição de Müller não verificaríamos as reais seleções que ele fez da tradição antiga, considerando aquilo que ele decidiu não utilizar como exemplo. Também não conheceríamos de maneira mais aprofundada a dinâmica de formação acadêmica que inevitavelmente lhe deu ferramentas e também direcionou algumas de suas conclusões sobre o caráter da cultura indiana antiga enquanto esse oposto quase perfeito ao Ocidente ao qual ele, europeu, branco, cristão, heterossexual e moderno pertencia. E ao qual, aliás, ele fazia supor que pertenciam também os gregos e romanos.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - PPGH/UNIRIO.

² Professora da Escola de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

Desta forma, cabe aqui mencionar que as fontes mais relevantes sobre a vida de Max Müller são uma autobiografia, editada por seu filho e publicada postumamente, e uma biografia em dois volumes escrita por sua esposa, que contém muitas cartas e comentários sobre diferentes momentos da vida do marido. A autobiografia termina em meados da década de 1850, período mais relevante da nossa pesquisa, dada a morte de Max Müller em 1900. No entanto, é um dos documentos de mais valor para a pesquisa, juntamente com algumas cartas. Com efeito, é na autobiografia que é possível identificar informações muito valiosas sobre a formação intelectual de Müller desde à juventude, com descrições de sua época escolar e também universitária. Se faz necessário então investigar o debate teórico referente ao uso do relato, sobretudo, autobiográfico enquanto fonte para a coleta de informações que possam ser relevantes no andamento de uma pesquisa mais ampla.

OBJETIVOS:

1. Familiarização do pesquisador com um debate muito amplo e ramificado sobre o uso da escrita biográfica como fonte histórica;
2. Promover melhor orientação para a prática da pesquisa principal de doutoramento.

METODOLOGIA: A metodologia deste tipo de trabalho consiste na leitura crítica da bibliografia e processamento das informações pertinentes, estabelecendo os diferentes viéses teórico-metodológicos aos quais os autores se alinham e elaborando um caminho próprio de abordagem em seguida.

RESULTADOS

Iniciemos com Pierre Bourdieu, que chamou a atenção para o fato de que só a ideia de escrever uma vida sugere a noção de que a vida forma um conjunto homogêneo e apreensível de eventos e dados (1998, p. 183-185). Como se a vida a ser escrita fosse, ela mesma, uma realização de uma narrativa pré-pronta e perceptível na sua totalidade, com começo, meio e fim, sentido e, acima de tudo, possibilidade de se conformar em uma narrativa escrita coerente. Daí a noção, defendida por ele, de uma *ilusão retórica*, onde através da produção textual um véu encobriria as múltiplas facetas de uma vida, direcionando o olhar de maneira a permitir uma leitura coerente, confortável e cômoda do emaranhado de eventos desconexos que pode ser uma vida.

É curioso como o processo descrito por Bourdieu sugere uma troca entre um entrevistador/biógrafo e um biografado que vai produzindo o si que vai ocupar as páginas mediadas na biografia. No processo da autobiografia, contudo, dispensa-se o entrevistador/biógrafo. Ao menos aparentemente. E digo isto porque no caso específico de Max Müller, sua autobiografia passou pela edição do filho e foi publicada postumamente, ponto ao qual sempre deveremos nos manter atentos. Há outro aspecto relevante do raciocínio de Bourdieu. O sociólogo francês nos sugere o conceito de *trajetória*, através do qual podemos dar conta de agregar à narrativa sobre a vida de uma personagem histórica os detalhes constituintes daquela vida, como os espaços e os campos sociais aos quais pertencem e entre os quais circula ao longo de um tempo determinado. Assim: “Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações* e *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado.” (BOURDIEU, 1998, p. 189. Grifos do autor).

Outro autor que contribuirá em um primeiro momento para o trato da autobiografia mülleriana é Giovanni Levi, que concluiu que cabe uma atenção significativa aos limites sociais da representação de si,

considerando toda a estrutura formativa do gênero biográfico. Mais que isso, parece fundamental destacar a sugestão de Levi de que, em alguns casos, a biografia é a “de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo” (LEVI, 1998, p. 175). E isto se torna relevante porque a biografia de um intelectual consagrado e altamente reconhecido na comunidade acadêmica europeia pode carregar, em certa medida, elementos simbólicos da trajetória de um acadêmico de sucesso.

Um último elemento que pode ser válido para nossa pesquisa sobre uma teoria geral da biografia é sua relação com a anedota. Descrita por Lionel Gossman (2003, p. 156), tal relação aponta para o fato de através de narrativas curtas no seio da biografia, que poderiam ser definidas como anedotas, muito é descrito; mas, ele apontará adiante, não sobre o que é narrado em um texto e sim sobre o próprio narrador (GOSSMAN, 2003, p. 167). Isto tem um certo valor aqui, dado que na autobiografia, o narrador principal é o próprio biografado. Desta forma, as anedotas presentes no texto de Müller, como por exemplo onde conta sobre seu antissemitismo de juventude para com um professor de francês e inglês (MÜLLER, 1901, p. 75-76), podem revelar muitos detalhes sobre como a revisão do Müller idoso sobre o jovem direcionou a narrativa biográfica e terminou por revelar algo.

E então chegamos à questão da memória. O próprio Max Müller fez alguns apontamentos sobre os caminhos complexos da memória e as limitações das informações que apresentava ao final de sua vida (MÜLLER, 1901, p. 37-38). Ou ainda, mencionando a segunda esposa de seu avô (MÜLLER, 1901, p. 53). É necessário, portanto, explorar algumas reflexões teóricas acerca do problema da *memória*, começando com alguns pontos levantados no trabalho de Henri Bergson. Elaborando suas reflexões sobre a relação entre a memória, todo o conjunto sensorial e o mundo material dado, Bergson supõe uma memória pura à qual o corpo recorre e conclui que “é do presente que parte o apelo a que a lembrança responde e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança empresta o calor que dá vida.” (BERGSON, 2006, orig. 1896, p. 93). Podemos assumir a memória como um elemento constituinte do ser ao qual o ser recorre e com a qual o ser procura apreender elementos da realidade que o constituíram, que o permitiram chegar ali e seguir adiante; ela é, portanto, inerente ao presente em que é acessada. O que significa dizer que as lembranças reconstituídas, cristalizadas textualmente, são convocadas e, na oscilação mental entre a percepção do cotidiano mais básico e imediato e o passado vivido, a memória possível se funda sob demanda e é, em seguida, empregada.

A máxima bergsoniana já foi, em certo sentido, reforçada por Jacques Le Goff quando este posicionou a memória a serviço do presente e do futuro (LE GOFF, 2000, p. 59), aqui já tratando da memória social. Mas é em Fernando Catroga que encontramos bem exploradas uma crítica à *memória pura* de Bergson e a defesa de algumas noções preciosas, a saber *subjetividade*, *seletividade* e *representificação*. Com efeito, Catroga aponta como, ao contrário de uma memória pura armazenada e aguardando que se recorra a ela, a memória na realidade se constitui no instante em que aquele que rememora conclama a experiência do passado vivida e as memórias alheias conhecidas, mesclando uma rede muito mais ampla de informações até formular a sua própria memória de um fato. E aqui ele evoca a valorização da interação social de Halbwachs (2013 [1950]). Mas a sociabilidade da memória também implica em sua seletividade. Defende Catroga que a memória “é retenção afectiva e ‘quente’ dos ‘traços’ inscritos na tensão tridimensional do tempo que permanentemente a tece” (CATROGA, 2015, p. 16-17).

Assim, a memória se apresenta como uma resposta às demandas por orientação do presente para o passado. E segue em determinada direção, algo literária, já que “Em certa medida, ela é – como as outras narrativas que exprimem a historicidade do homem – uma previsão ao contrário (o *efeito* é a causa não confessada da sua própria *causa*). Daí que, na anamnese, a história e a ficção se misturem, a verdade factual se mescle com conotações estéticas e éticas” (CATROGA, 2015, p. 21-22).

É bastante significativo que Catroga aponte esta relação entre história e ficção e adentre nas searas da estética e da ética. Porque está dada para a autobiografia a mesma encruzilhada que está dada à historiografia: a da verdade do conteúdo com a forma apresentada. Nos aproximamos, então, de outra questão fundamental para orientar nosso olhar sobre, principalmente, a autobiografia de Max Müller. Tal

questão é a tensão literária do relato de memórias e a possibilidade de aplicação do conceito de *autoficção*. O próprio Max Müller fez alguns apontamentos sobre a escrita de si que esclarecem sua própria percepção sobre o tema, bem como a de seu filho e editor, afirmando que “se ao menos nós podemos ao mesmo tempo esquecer completamente que o homem que é descrito é o mesmo que o homem que descreve.” (MÜLLER, 1901, p. 3).

Dessa forma, o acadêmico, já no último ano de vida, expressava uma predileção pela narração de si, por dispensar um mediador eventualmente inconveniente e por garantir uma espécie de expressão máxima do restante de consciência daquela vida já vivida e por terminar com planos frustrados pela foice do tempo e com experiências formadoras que impoem certa responsabilidade quanto ao legado. No entanto, apesar da lógica autobiográfica estar embebida da percepção do relato de fatos e experiências, ainda que nublados pelos limites da memória, parece necessário considerar o caráter literário de tal texto e é nesse sentido que a *autoficção* pode ser uma chave interpretativa útil. Esta é uma categoria bastante debatida e que assumiu muitos outros sentidos ao longo do tempo, conforme pontuou Philippe Gasparini (2014, p. 195). Colonna (2014, p. 45) propõe que haveria tipos variados de autoficção, apreensíveis e delimitáveis, e distingue autobiografia de autoficção, com a concordância de Lecarme (2014, p. 78-79, 100-101), que não considera autoficção se a publicação for póstuma. Vejamos seu tipo ideal de autoficção.

Entretanto, os autores que se dedicam à autoficção e procuram manter o conceito no campo da literatura pura ignoram que o “auto” sugere um contato muito direto entre o narrado e o passado *lembrado*, *recordado*, pelo narrador, mesmo que indiretamente. Assim, ignoram a questão da memória e inviabilizam o enquadramento de muitos textos na categoria de autoficção. E podemos dizer isso porque a ficcionalização de si é fruto direto ou indireto da memória (de experiências, expectativas, desejos necessariamente ocorridos e constituintes do ser), da mesma forma que a narrativa da memória é a ficcionalização de si. Uma é fruto da outra e vice-versa. No “teatro interior”, para usar a expressão de Colonna, o ser demanda, projeta, modela e reconstitui o passado vivido, para em seguida projetá-lo para fora, na forma de narração. No fim, se a autoficção tem aparência romanceada ou descritiva, ou ainda informativa, tal problemática estética não inviabiliza nem muda o fato de que o reconto da memória e a autoficção são, em algum nível, a mesma coisa. E afirmamos isto levando em consideração a distinção proposta por Jean-Louis Jeannelle entre o *fictício* e o *ficcional* (2014, p. 145-151), defendendo como o fictício é aquilo que provém da imaginação, sem lastro na realidade, enquanto o ficcional se constitui de recursos estéticos que possibilitam a forma do texto.

CONCLUSÕES: No contexto estudado, toda memória recontada após sua reconstituição é apresentada na forma da narração de uma história onde somos narrador e protagonista. Assim, lidamos com a narrativa da vida como uma história narrada sob o prisma da memória e da ficcionalização de si, sem necessariamente com isso desqualificar informações naturais de tais textos. Tal abordagem nos encaminhou para outra etapa da pesquisa, contrastando informações colhidas, sobretudo, no relato autobiográfico com fontes primárias provenientes dos arquivos pessoais de Max Müller preservados na Universidade de Oxford, onde o bolsista teve a oportunidade de permanecer por 3 dias durante seu período de estágio no Reino Unido, também financiado pela CAPES. Os frutos desta outra etapa da pesquisa constarão da tese, a ser defendida em 2025.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998, p. 183-191.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da**



História Oral. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998, p. 167-182.

GOSSMAN, Lionel. Anecdote and History. **History and Theory**, v. 42, n. 2, 2003, p. 143-168.

MÜLLER, Friedrich Max; MÜLLER, William Grenfell Max (ed.). **My Autobiography.** New York: Charles Scribner's Sons, 1901.

BERGSON, Henri. A Memória e os graus de coexistência da Duração. In: **Memória e Vida: textos escolhidos** por Gilles Deleuze. São Paulo: Martins Fontes, 2006, orig. 1896, p. 47-93.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória:** vol. II Memória. Lisboa: Edições 70, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2013 [1950].

CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015.

GASPARINI, Philippe. Autoficção é o nome de quê? In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim. **Ensaio sobre a Autoficção.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 181-222.

COLONNA, Vincent. Tipologia da Autoficção. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim. **Ensaio sobre a Autoficção.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 39-66.

LECARME, Jacques. Autoficção: um mau gênero? In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim. **Ensaio sobre a Autoficção.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 67-110.

JEANNELLE, Jean-Louis. A quantas anda a reflexão sobre a Autoficção? In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim. **Ensaio sobre a Autoficção.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 127-162.